

LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

TATIANE SALINA

**AS CONTRIBUIÇÕES DO MÉTODO FÔNICO NOS
ANOS INICIAIS DE ALFABETIZAÇÃO**



Rio Claro
2015

TATIANE SALINA

AS CONTRIBUIÇÕES DO MÉTODO FÔNICO NOS ANOS INICIAIS
DE ALFABETIZAÇÃO

Orientador: Andreia Osti

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Biociências da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro,
para obtenção do grau de licenciada em
Pedagogia.

Rio Claro
2015

372.41 Salina, Tatiane
S165c As contribuições do método fônico nos anos iniciais de alfabetização /
Tatiane Salina. - Rio Claro, 2015
51 f. : il., figs. + CD-ROM

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Andreia Osti

1. Alfabetização. 2. Ensino fundamental. 3. Educação. 4. Escrita. 5.
Leitura. I. Título.

Dedico esse trabalho à todas
professoras que têm em mãos
o desafio de alfabetizar.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Paulo e Silvana, por todo o apoio que me foi dado durante toda a graduação, pelas caronas nos dias de chuva, pelas moedas emprestadas para a impressão de trabalhos e xerox, pelos desabafos que fiz à eles nos momentos de nervosismo e cansaço e por tudo mais que fizeram por mim desde meu nascimento até aqui.

As minhas irmãs Isabela e Geovana pelo tempo que dediquei aos estudos e não à companhia delas durante esses quatro anos, espero poder compensá-las.

Ao meu namorado, Leandro, pelo incentivo desde a inscrição no vestibular, passando pela paciência e por toda a ajuda durante o curso, pela compreensão durante meu processo de "revezamento": empregos versus projetos de extensão e por todo o carinho e amor dados à mim nos últimos oito anos.

As minhas amigas que me acompanharam desde o primeiro ano nos grupos, apresentações e demais estudos e que me ajudaram em incontáveis momentos: Danielly Oliveira, Hellen Martins, Rafaela Montanari e Thainara B. Gasparini. Obrigada pelas festas, conversas, ceias de natal, hot-dogs e brigadeiros regados à brincadeiras como "Imagem e Ação" e "Uno" com as também amigas: Monise Pierozzi, Juliane Marchiori e Mariana Barbosa. A amizade de vocês tornou a graduação mais leve e divertida.

A professora alfabetizadora Claudiene Souza pela maneira como me recebeu no estágio, pelas conversas e pelo exemplo de profissionalismo, organização e dedicação.

A minha orientadora, profa.Dra. Andreia Osti pela pessoa que é, tanto no campo pessoal quanto profissional, pela paciência e ajuda desde o segundo ano até o último minuto do curso, agradeço também pela participação no projeto de extensão criado por ela, o qual me propiciou experiências maravilhosas e o tema desse trabalho.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo descrever quais são as contribuições do Método Fônico para a alfabetização nas séries iniciais do ensino fundamental. Serão apresentadas e explicadas duas vertentes específicas do Método Fônico, o método criado por Fernando Capovilla, chamado de Método Fônico e o criado por Renata Savastano Jardim, denominado Método das Boquinhas. Também são apresentadas atividades que foram utilizadas em um projeto de extensão universitária e que tiveram como base esses métodos, como forma de ilustrar as possibilidades que ambos fornecem aos professores para trabalhar com crianças que apresentam defasagem em seu processo de alfabetização. O trabalho será realizado mediante pesquisa bibliográfica e documental. Considera-se esse tema, bem como suas possibilidades de uso em sala de aula, relevante no contexto educacional nacional. .

Palavras-Chave: Alfabetização. Método fônico. Ensino fundamental.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - O Método das Boquinhas.....	21
Figura 2 - Jogo da memória - Alfabeto.....	32
Figura 3 - Primeiro Ditado Diagnóstico.....	33
Figura 4 - Primeira atividade com vogais.....	35
Figura 5 - Atividade de lacunas - Vogais.....	36
Figura 6 - Tabuada das sílabas.....	37
Figura 7 - Atividade com sílabas simples.....	38
Figura 8: Colagem: Formação de palavras.....	39
Figura 9 - Segundo ditado diagnóstico.....	39
Figura 10 - Trilha do F e do V.....	40
Figura 11 - Trilha do T e do D.....	40
Figura 12 - Jogo da memória "X e CH".....	41
Figura 13 - Jogo das Rimas.....	42
Figura 14 - Terceiro ditado diagnóstico.....	43

SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. Histórico e Vertentes do Método Fônico.....	12
2.1 Breve histórico da Alfabetização.....	12
2.2 Alfabetização e o Método Fônico no Brasil.....	15
2.3 Características do Método Fônico.....	17
2.4 O Método das Boquinhas.....	19
3. Alfabetização e Letramento.....	23
3.1 A Concepção Construtivista.....	23
4. Propostas de Trabalho.....	30
4.1 O uso dos jogos e das atividades.....	30
5. Considerações Finais.....	44
6. Bibliografia.....	46

1 - INTRODUÇÃO

O interesse por essa pesquisa surgiu em decorrência de meu envolvimento em um projeto de extensão, no qual trabalhei diretamente com crianças que apresentavam certa defasagem em seu processo de alfabetização. Atualmente muito se fala sobre os problemas educacionais que nosso país vem passando, entre esses está a taxa de alunos que não conseguem sair do ensino fundamental devidamente alfabetizados. De acordo com Capovilla (2007), no final de 2000 os resultados do Sistema de Avaliação do Ensino Básico (Saeb) apontaram que “[...] os níveis de desempenho dos alunos de quarta a oitava séries do ensino fundamental e da terceira série do ensino médio continuam em forte e sistemática queda”. Cabe-nos então as perguntas, quais são os fatores que agravam esse problema? E quais são as possíveis soluções?

Para Sousa (2007), a publicação do relatório Coleman em 1966 enfatizou a interferência das características culturais e socioeconômicas no desempenho escolar, com isso houve pouca valorização dos fatores internos da escola como também condicionantes do desempenho e as pesquisas realizadas nessa área foram deixadas em plano secundário. Capovilla (2007) também enfatiza a importância de pesquisas e estudos no meio educacional. Para a autora, cabe aos futuros educadores, frente às dificuldades de aprendizagem, não atribuírem o fracasso escolar apenas a fatores iminentes ou circunstanciais de seus educandos (como a pobreza) é necessário que se façam pesquisas no meio educacional, pois a falta de um método apropriado para as necessidades de cada aluno pode ser um agravante essencial nesse quadro. "Boa parte do esforço do verdadeiro educador diz respeito à busca do método apropriado para ajudar eficazmente seus educandos no desafio da aprendizagem e do desenvolvimento" (CAPOVILLA, 2007, p).

Outros autores também discorreram sobre as possíveis causas para o fracasso escolar e para os problemas de aprendizagem, enfatizando, entre outros fatores, a importância do uso de um método apropriado. Rotta et al. (2006) explica que o ato da aprendizagem depende de fatores relativos ao contingente genético de cada indivíduo, mas também sofre grande interferência do ambiente onde esse ser está inserido, ou seja, quando uma criança apresenta certa dificuldade em ser alfabetizada devemos levar em

conta que isso pode ser resultado tanto de alguma falha intrínseca quanto extrínseca no processo de aprendizagem.

Os problemas intrínsecos dizem respeito ao próprio indivíduo e entre as causas para as dificuldades encontram-se dislexias, discalculias, dispraxias, déficit de atenção entre outros, esses são fatores que a autora denomina como “causas primárias”. No entanto, a mesma autora enfatiza que as causas “não-primárias” não podem ser deixadas de lado, pois também são agravantes no aprendizado, dentre essas encontram-se fatores importantes como os aspectos socioeconômicos e pedagógicos. Explica ainda que os fatores envolvidos nas dificuldades para a aprendizagem podem ser divididos em: “fatores relacionados com a escola, fatores relacionados com a família, fatores relacionados com a criança” (ROTTA et al., 2007, p. 117). Dentre os fatores relacionados à escola encontram-se as condições físicas do ambiente, as condições relativas ao corpo docente e as condições pedagógicas, como o material e o método.

Osti (2012), também alerta para possíveis problemas de cunho pedagógico que acabam sendo deixados de lado e que tem grande interferência no desempenho dos alunos, como a relação professor/aluno e também o uso de métodos eficazes para cada necessidade educacional. Para a autora, um dado que merece atenção é o crescente encaminhamento de crianças para o atendimento especializado com queixas de dificuldades de aprendizagem já nas séries iniciais. Também enfatiza que o agravante nesse número é que grande parte desses alunos encaminhados não apresentam qualquer distúrbio de aprendizagem de fato,

[...] talvez isso demonstre a impossibilidade do professor em lidar com as dificuldades dos alunos em sala de aula, sendo impelido a encaminhar crianças que eles mesmos pré-diagnosticam, assim como dificuldades que podem estar diretamente relacionadas à prática da escola”. (OSTI, 2012, p. 7).

Fernández (1991) apud Osti (2012) define duas ordens de causas dos problemas de aprendizagem, sendo a primeira ordem nomeada de problema de aprendizagem reativa onde o fracasso escolar pode ser resultado de uma ação educativa inadequada, como problemas relacionados ao professor ou a metodologia utilizada.

Para Capovilla e Capovilla (2007), o método 'global' de Decroly (o mais popular hoje em dia no país), não é o mais adequado para a alfabetização dos alunos brasileiros. Os autores explicam que o método global prega que a alfabetização deve

partir de textos complexos, sem um ensino explícito e sistemático das correspondências grafema-fonema, pois espera-se que a criança perceba tais relações. Já o Método Fônico, ao contrário do método global, afirma que as crianças devem receber instruções explícitas e sistemáticas de correspondências grafema-fonema e de consciência fonológica, partindo para textos com complexidade crescente à medida que vão adquirindo maiores habilidades de decodificação grafofonêmicas. Nesse método é enfatizada a importância de que as crianças compreendam que a escrita é a representação da fala.

Para Capovilla e Capovilla (2007), uma das consequências do método global, que faz uso de textos complexos antes mesmo de as crianças estarem alfabetizadas, é o foco na interpretação. Os autores não negam a importância desse elemento, mas defendem que antes de fazer uso desse artifício é crucial que as crianças consigam ler efetivamente o que está escrito. Os mesmos ainda citam a matéria publicada no *Jornal da Tarde* em 2001 em que técnicos da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), que analisaram os resultados do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) naquele ano, concluíram que os estudantes brasileiros têm tendência a "responder pelo que acham e não pelo que efetivamente está escrito". Mesmo quando as questões aplicadas pelo Pisa exigiam somente uma leitura atenta, pois as informações necessárias estavam explícitas, os alunos tinham uma tendência a "chutar" a resposta, utilizando-se somente da interpretação e não de uma leitura efetiva.

O Método Fônico é pautado na estrutura fonológica das palavras, Zorzi e Capellini (2009) acreditam que a consciência fonológica é um dos quesitos indispensáveis à alfabetização. Para eles a intervenção realizada pelo professor necessita desse fator pois é necessário que haja o conhecimento por parte do aluno “[...] de que as palavras constituem-se de pequenas unidades sonoras, denominadas fonemas. Reforçando nossa colocação, a noção de fonema é um dos pilares do sistema alfabético de escrita. São os fonemas que se transformam em letras”. (ZORZI; CAPELLINI, 2009, p. 152).

Outros autores também destacam a importância desse fator. Para Supple (1986) apud Capovilla, Dias e Montiel (2007), a consciência fonológica desenvolve-se gradativamente à medida que a pessoa se torna consciente de que as palavras, sílabas e

fonemas são unidades identificáveis. Goswami (1997) apud Capovilla, Dias e Montiel (2007) consideram que a consciência fonológica é essencial para a aquisição da leitura e da escrita em ortografias alfabéticas (que são os sistemas de escrita que mapeiam a fala no nível de fonema), tais como as escritas em inglês, alemão, espanhol e português. Desse modo, “[...] a relação entre consciência fonológica e aquisição da linguagem escrita não é unilateral, mas sim recíproca” (CAPOVILLA; DIAS; MONTIEL, 2007, p. 56).

Capovilla, Capovilla e Soares (2004) explicam essa reciprocidade citando os estudos de Grégoire e Piérart (1997), em que se aborda a importância da habilidade metafonológica (habilidade de refletir sobre a estrutura fonológica da linguagem oral),

[...] os processos de conscientização fonológica e de aquisição de leitura são recíprocos, facilitando-se mutuamente. Tal reciprocidade se deve à complexidade dos processos metafonológicos e de leitura, composto de diversas sub-habilidades. Os estágios iniciais da consciência fonológica (consciência de rimas e sílabas) contribuem para desenvolver os estágios iniciais de leitura. Por sua vez, as habilidades iniciais de leitura contribuem para desenvolver habilidades metafonológicas mais complexas, como a manipulação e transposição fonêmicas. (CAPOVILLA; CAPOVILLA; SOARES, 2004, p. 40).

Para Capovilla e Capovilla (2005), o método fônico tem mostrado clara superioridade em relação aos outros métodos alfabetizadores e essa seria a razão pela qual é oficialmente recomendado por organismos como “[...] o Instituto Nacional de saúde Infantil e Desenvolvimento Humano dos Estados Unidos, o Observatório Nacional de Leitura da França, o Departamento de Educação e Emprego do Reino Unido e o Departamento de Educação de Base de Portugal, entre tantos outros”. (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2005, p.3). Os autores também afirmam que o método é oficialmente adotado pelos países que se destacam mundialmente pela qualidade do ensino fundamental e da alfabetização, dentre eles Canadá, Finlândia, Irlanda, Inglaterra, França, Estados Unidos, Itália, Espanha, Alemanha dentre outros.

Zorzi e Capellini (2009), também elencam algumas capacidades para que o processo inicial de alfabetização tenha sucesso, entre eles: a capacidade de segmentar palavras, a capacidade de constatar e compreender que as palavras constituem-se a partir da combinação de fonemas, a compreensão de que as palavras tem uma estrutura sonora e que identificar fonemas é atribuir à eles as letras correspondentes, entre outros fatores.

Chegar ao nível alfabético, portanto, pressupõe a compreensão de que os sons da fala transformam-se em letras e que as letras representam sons. Graças a este entendimento são gerados os mecanismos de leitura (letras transformam-se em sons) e os de escrita (sons transformam-se em letras). (ZORZI; CAPELLINI, 2009, p. 154).

Como observado, diversos autores tem escrito trabalhos a respeito da importância do método fônico ou da consciência fonológica para a apropriação de nosso sistema de escrita. Porém, o método ainda sofre grande preconceito por parte de alguns profissionais que o confundem com o antigo método considerado tradicional e que faz uso da “silabação”.

Justifica-se então a importância de que esse tema seja abordado, para que haja maior compreensão desse método que tem se apresentado como uma opção metodológica eficaz para os professores que atuam nos anos iniciais da alfabetização. É importante que os profissionais do ensino tenham acesso e conhecimento sobre os variados métodos para que assim tenham uma gama maior de opções para auxiliá-los nas dificuldades e desafios diversos no processo de alfabetização. Lembrando que a alfabetização é o pilar de nosso sistema de ensino, se essa não se concretiza nos anos iniciais todo o processo será prejudicado e os alunos irão sair das escolas com grande defasagem.

Esse trabalho foi desenvolvido mediante pesquisa bibliográfica e documental. O interesse pelo desenvolvimento deste tema surgiu em decorrência de minha participação em um projeto de extensão no qual trabalhei diretamente com crianças que apresentavam certa defasagem em seu processo de alfabetização.

A organização do trabalho foi feita da seguinte forma: o primeiro capítulo trata do histórico da alfabetização e do método fônico no Brasil. O segundo descreve as características do Método Fônico e do Método das Boquinhinhas. O terceiro aborda a questão da alfabetização e letramento, incluindo a concepção Construtivista. Por fim, exploramos algumas atividades que descrevem e exemplificam melhor os métodos estudados durante o processo de alfabetização.

2 . Histórico e Vertentes do Método Fônico.

Antes de explicar o histórico do Método Fônico é importante fazer uma breve passagem pelo histórico da própria escrita e da alfabetização, como essas surgiram e devido a quais necessidades.

2.1 Breve histórico da Alfabetização.

Martins e Spechela (2012) explicam que a escrita surgiu devido à duas causas: as diversas necessidades de se comunicar no cotidiano e a de passar essa comunicação à diante. Já Rizzo (2005) considera que o surgimento da escrita se iniciou de maneira prática com as pinturas nas cavernas ainda no período paleolítico, progredindo para a pictografia, em que o registro de ideias era feito por meio de desenhos inspirados na natureza, os mesmos eram feitos com um realismo relativo da imagem real. Com o passar do tempo não havia mais a preocupação em fazer das imagens cópias da natureza e sim em passar a "ideia" daquilo, com isso surgiram os ideogramas, figuras mais simples que representavam algo. Com a necessidade de transmitir mensagens mais complexas surgiram os fonogramas, sendo os sinais que representavam os sons da língua falada, a invenção desse "código" foi atribuída aos antigos habitantes da Ásia Menor, os semitas.

Segundo Martins e Spechela (2012) foi para transmitir esse conhecimento que surgiu a alfabetização, ou seja, a transmissão do processo de escrita e leitura. Os mesmos autores citam Cagliari (1998), que salienta a importância da invenção das regras para que todos pudessem compreender esse sistema: "Ao longo do processo de invenção da escrita também incluiu a invenção de regras de alfabetização, ou seja, as regras que permitem ao leitor decifrar o que está escrito e saber como o sistema de escrita funciona para usá-lo apropriadamente." (CAGLIARI, 1998, p. 15 apud Martins e Spechela, 2012, p. 3).

Martins e Spechela (2012) fazem uso de alguns conceitos utilizados por outros autores para descrever o significado de alfabetização.

[...] pode-se definir alfabetização como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitem ao aluno ler e escrever com autonomia. Noutras palavras, alfabetização diz respeito à compreensão e ao domínio do chamado "código" escrito que se organiza em torno de relações entre a pauta sonora da fala e as letras

(e outras convenções) usadas para representá-las, a pauta, na escrita. (VAL, 2006, p. 19 apud Martins e Spechela, 2012, p.4).

O autores também utilizam-se do conceito de Perez (2002) para a alfabetização:

[...] é um processo que, ainda que se inicie formalmente na escola, começa de fato, antes de a criança chegar à escola, através das diversas leituras que vai fazendo do mundo que a cerca, desde o momento em que nasce e, apesar de se consolidar nas quatro primeiras séries, continua pela vida afora. Este processo continua apesar da escola, fora da escola, paralelamente à escola. (PEREZ, 2002, p. 66 apud Martins e Spechela, 2012, p.4).

Com a necessidade de alfabetizar de maneira mais eficaz possível surgiram os métodos. Martins e Spechela (2012) explicam que o método é a maneira ou forma que o professor adota para direcionar suas aulas segundo os objetivos que visa alcançar. Os autores ainda citam a definição de Correa e Salch (2007, p. 10) para método, segundo ele, a palavra "método" tem origem grega (*méthodos*) e diz respeito ao "caminho" utilizado (planejamento e ações) para atingir um objetivo específico. Pereira et al (2013),

Método é a soma de ações baseadas em um conjunto de princípios e hipóteses psicológicas, linguísticas, pedagógicas, que respondem a objetivos determinados. Em alfabetização o método será, pois o resultado da determinação dos objetivos a atingir (conceitos, habilidades, atitudes que caracterizarão a pessoa alfabetizada). (SOARES, 2004, p. 93).

Para Mesquita et al (2013) os educadores da antiguidade podem ter se indagado sobre como fazer com que seus aprendizes pudessem assimilar e manipular esse alfabeto. Tanto Rizzo (2005) quanto Mesquita et al (2013) esclarecem que foi ainda na antiguidade que o primeiro método para alfabetizar surgiu, sendo a "soletração" esse foi considerado "complexo e muito lento, pois a criança tinha que passar por estágios, em que decorava a sequência alfabética, aprendia a grafia, associava som à grafia, apresentava-se as letras maiúsculas, as famílias silábicas e as palavras até o aluno chegar à escrita do texto". (MESQUITA et al, 2013, p. 2).

Mesquita et al (2013) salientam que foi também na antiguidade que o método fônico surgiu, para tentar contrapor as dificuldades de aprendizagem presentes no método de soletração, o objetivo principal desse seria o de alfabetizar através dos sons que fazemos ao pronunciar as letras e não partindo dos "nomes" dados às mesmas. "Em 1719 na França, Vallange utilizando às 'figuras simbólicas' propõe que as crianças

representem as consoantes de acordo com os sons, criando assim o método fônico (aproveitando e/ou aperfeiçoando as técnicas desenvolvidas pelas figuras simbólicas". (MESQUITA et al, 2013, p. 2).

Martins e Spechela (2012) dividem os métodos de alfabetização em sintéticos e globais. Os autores explicam que os métodos chamados "sintéticos" tem como foco central que o aluno se torne alfabetizado a partir da decodificação grafema-fonema, ou seja, partindo dos sons que emitimos ao pronunciar as letras, geralmente partindo da soletração até a consciência fonológica (compreensão do sistema de escrita), os professores podem optar por utilizar-se ou não de cartilhas durante o processo. Para Cagliari (1998, p.25) apud Martins e Spechela (2012) os métodos sintéticos geralmente partem: "[...] do alfabeto para a soletração e silabação, segundo uma ordem hierárquica crescente de dificuldades desde a letra até o texto". São métodos considerados sintéticos: silabação, soletração, método da casinha feliz, método da abelhinha e o método fônico.

Mesquita et al (2013) também esclarecem que o método fônico é uma das vertentes do método sintético, pois o mesmo se inicia com as "partes" para depois chegar ao todo. Para os autores, todas as metodologias tem uma importante parcela de contribuição na fase inicial de alfabetização, "[...] quando compreendidas e utilizadas adequadamente proporcionam melhores chances de aprendizado".

Para Pereira et al (2013), o método sintético é considerado por muitos o mais simples, antigo e rápido. O mesmo parte da correspondência som/grafia, ou seja, entre a linguagem oral e a linguagem escrita, partindo das letras, passando pelas sílabas até chegar a formação de palavras e de textos.

O método sintético é dividido em três tipos:

1. O Alfabético (ou Soletrativo)

Considerado um dos mais antigos, parte dos nomes das letras do alfabeto, seguindo para as combinações silábicas e posteriormente às palavras, frases e textos. Nesse processo, a criança soletra as sílabas para decodificar as palavras (Por exemplo a palavra "medo": m + e = me > d+ o = do > medo). Uma crítica feita a esse método é a repetição dos exercícios, que faz com que as atividades se tornem tediosas. Segundo os autores, "[...] apesar de não ser o indicado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais,

ainda é muito utilizado em diversas cidades do interior do Nordeste e Norte do país [...]". (PEREIRA et al, 2013, p. 6).

2. Processo Alfabético

Nesse método, o aluno aprende a reconhecer a sequência do alfabeto, as letras maiúsculas e minúsculas e a combinar as letras formando então as sílabas e posteriormente as palavras e os textos, diferentemente do método citado acima, onde havia a soletração das palavras.

3. Método Fônico

Esse método nasceu a partir da crítica ao método Alfabético, e tem como princípio fundamental a associação entre sons e letras (fonemas e grafemas). Cada letra é compreendida como um fonema, o processo parte dos sons mais simples para os mais complexos, ou seja, as vogais são as primeiras letras a serem apresentadas aos alunos (sua forma e som), seguidas pelas consoantes, somente depois são estabelecidas, de maneira gradual, as relações mais complexas. Dentro da vertente do método fônico foram criadas diversas variações, algumas delas partem de palavras significativas aos alunos, outras de alguma palavra vinculada à uma imagem, também podem ser utilizadas onomatopéias e histórias. Os especialistas do método defendem que as crianças podem ser alfabetizadas em um período de quatro a seis meses fazendo o uso do mesmo.

O método é baseado no ensino do código alfabético de forma dinâmica, ou seja, as relações entre sons e letras devem ser feitas através do planejamento de atividades lúdicas para levar as crianças a aprender a codificar a fala em escrita e a decodificar a escrita no fluxo da fala e do pensamento. (Pereira et al, 2013, p.7).

2.2 A Alfabetização e o método fônico no Brasil.

Já no Brasil, segundo Mesquita et al (2013), a alfabetização se iniciou a partir do trabalho realizado pelos jesuítas ao ensinar os índios, esses exerceram a função de educar durante muito tempo. Foi a partir da expulsão dos mesmos em 1579 pelo Marquês de Pombal e principalmente após a chegada da Família Real Portuguesa em 1808 que começaram a ocorrer mudanças significativas no que diz respeito ao ensino no país. Já na época do Império, em 1822, era utilizado no Brasil o método sintético que

era associado a outros, tais quais a palavrção, a soletração e o método fônico, (evidenciando os sons). Em 1890 foi publicada a cartilha "João de Deus", que era pautada no método da palavrção (onde se partia de palavras realizando seu reconhecimento visual e sonoro). Logo após, muitas outras cartilhas de "ABC" surgiram e o grande uso das mesmas fez com que se iniciasse uma disputa entre o método da palavrção e o método sintético (que trabalhava as "partes" da palavra).

Já em 1890 o Estado de São Paulo lançou uma proposta que fazia uso do método "analítico", e alguns professores passaram a adotá-lo. Nessa época houve grande disputa sobre qual método poderia ser mais apropriado para ensinar nos anos iniciais.

Mortatti (2009) elenca os momentos principais da "disputa" entre os métodos no Brasil, ocorrendo sempre entre os defensores dos chamados "novos" contra aqueles considerados "antigos". Para ela, o primeiro momento ocorreu entre 1876 e 1890 entre os defensores do método da palavrção (considerado novo na época) contra o antigo método sintético (silábico e alfabético). O segundo momento ocorreu entre 1890 e meados da década de 1920 entre os defensores do então "novo" método analítico novamente contra os métodos sintéticos. Já o terceiro momento ocorreu entre 1920 e o final da década de 1970 com as disputas entre os método sintéticos e analíticos (agora considerados antigos) e o novo método dos testes de ABC onde era realizada uma verificação da maturidade que era necessária para o aprendizado da escrita e da leitura, nesse momento já começam a surgir os chamados métodos "mistos", sendo considerados também como "novos". Finalmente, a partir de 1980 ocorre o quarto momento, com a disputa entre os defensores da "nova" perspectiva construtivista contra os então considerados antigos métodos de alfabetização e teste de maturidade. Para a autora, as disputas do quarto momento ainda estão em curso.

Mortatti (2009) explica que entre as propostas apresentadas para tentar solucionar a "crise" da alfabetização no país, vem ganhando evidência a apresentada por Alessandra e Fernando Capovilla, em particular depois do lançamento do livro: "Alfabetização: método fônico" escrito pelos mesmos.

Os autores são psicólogos, professores universitários e pesquisadores com formação e atuação na área de psicologia experimental. A primeira tem pós-doutorado em Psicologia Experimental, pela Universidade de São Paulo (USP) - Brasil, e o segundo é Ph.D. pela

Temple University - EUA e livre docente em neuropsicologia pela USP; e ambos atuam no Laboratório de Neuropsicolinguística Cognitiva Experimental dessa universidade brasileira, respectivamente, como pesquisadora associada e como chefe. Além de outras atividades que desenvolvem e de outras publicações, são autores ou coautores de livros e artigos, em que apresentam resultados de suas pesquisas, relativas ao método fônico e a vários outros temas das áreas de “Fundamentos e Medidas da Psicologia” e de “Avaliação de Desenvolvimento e Distúrbios de Cognição e Linguagem com Intervenção Preventiva e Remediativa”. (MORTATTI, 2009, p. 97).

O livro citado está em sua quarta edição, sendo a primeira em 2002, a segunda em 2003, a terceira em 2004 e a quarta edição sendo essa ampliada e revisada em 2007.

Capovilla e Capovilla (2013), afirmam que é errado confundir o método fônico com um método tradicional, explicando que o método utilizado no Brasil antes dos anos 80 era o método "siábico-alfabético" que se pautava no ensino repetitivo das sílabas. Já o fônico se baseia em um ensino dinâmico do alfabeto, em que os professores podem e devem utilizar atividades lúdicas para levarem os alunos a aprenderem a codificar a escrita e também a decodificar a mesma no modo da fala (leitura). Também é explicado que mesmo o ensino das correspondências grafofonêmicas ser antigo (provavelmente do século XVI) o desenvolvimento da "consciência fonológica" é um termo recente e tem sido muito incentivado a partir do século XX.

2.3 Características do Método Fônico

Peratello (2008), cita os estudos de Frith (1985), em que o autor explica que a criança passa por três etapas de aquisição de escrita e que faz uso de três estratégias para isso. A primeira estratégia chama-se "logográfica" e se desenvolve na fase que recebe o mesmo nome. Nessa fase a criança faz o reconhecimento das palavras por "pistas" como a cor da palavra, o formato, o contexto, entre outras. A palavra também é percebida como um todo, ou seja, se alguma letra for substituída é provável que isso não seja percebido. A criança pode cometer trocas no momento da leitura pois tenta reconhecer as palavra por meio da adivinhação.

A segunda estratégia é a "fonológica" e se desenvolve na fase alfabética, nela a criança já analisa os componentes da palavra (letras e seus sons/fonemas) e inicia o processo de codificação e decodificação utilizando-se das regras de correspondência entre as letras e os sons das mesmas. Nessa fase a criança consegue ler bem as palavras consideradas "regulares" mas ainda não consegue ler as consideradas "irregulares".

A terceira estratégia é a "lexical" e se desenvolve na fase chamada ortográfica, nela a criança consegue ler as palavras irregulares, pois já construiu unidades de reconhecimento, onde as partes da palavra são reconhecidas diretamente.

Bagatin (2012) explica, de forma mais detalhada, essas diferentes fases que a criança passa ao adquirir a escrita, utilizando-se dos estudos de Morton (1989) que também foram utilizados por Capovilla & Capovilla (2003) para explicar o processo do método fônico. Para esses autores as fases que a criança passa coincidem com as próprias fases de evolução de escrita pela qual a humanidade também passou. Sendo elas:

1 - Leitura logográfica, nela as crianças usam pistas contextuais, tratando as palavras como imagens.

2 - Escrita logográfica, é criado um vocabulário visual das palavras por parte da criança. Ela reconhece palavras que vê com mais frequência como seus nomes, por exemplo, ainda não compreendendo a importância da ordem das letras, exceto as letras iniciais, que representam uma pista sobre qual é aquela palavra.

3 - Escrita Alfabética, nessa fase já ocorre o conhecimento das relações entre fonemas e grafemas e a criança começa a mapear os fonemas individuais presentes nas palavras.

4 - Leitura alfabética sem compreensão, a criança consegue converter a sequência de letras em fonemas, mas não é capaz de compreender o significado da palavra resultante.

5 - Leitura alfabética com compreensão, nessa fase a criança consegue compreender o real significado da palavra pronunciada ao ler, devido ao *feedback* resultante do processo de decodificação.

6 - Leitura ortográfica, nessa fase as crianças já são capazes de reconhecer as palavras devido às suas propriedades morfológicas, fazendo um acesso direto ao seu sistema semântico.

7- Escrita ortográfica, as crianças lêem através do sistema "léxico-grafêmico", onde há o reconhecimento da estrutura morfológica da palavra.

Nesse modelo, assim como na concepção construtivista, a criança também inicia o processo tratando as palavras como imagens/desenhos, posteriormente compreendendo que as palavras são representações da "fala" que utilizamos para os objetos, depois desse estágio a criança começa a sentir a necessidade de entender o que realmente essas "representações" significam e é aí que as correspondências entre os grafemas e fonemas são de extrema importância.

2.4. O Método das Boquinhos:

Em 1985 surgiu um novo método utilizando o aspecto fônico para o trabalho com alfabetização, o “Método das Boquinhos” criado por Renata Savastano Jardini uma (fonoaudióloga) sendo esse um método multissensorial com ênfase Fono-Visuo-Articularória, ou seja, articulando os sons às imagens. A autora compilou e sistematizou as práticas aplicadas em sua clínica embasando-as teoricamente e descrevendo-as, também oferecendo cursos de capacitação tanto para fonoaudiólogos quanto para educadores, pois explica que a área (Fonoaudiologia) trata da linguagem e de aspectos articulatorios, fonológicos e semânticos da língua e que esses são partes integrantes na aquisição da escrita e da leitura, área de domínio da educação. Outro fator importante, também enfatizado pela autora, é que a busca por esses cursos e materiais tem partido de ações não governamentais e pelos próprios educadores, para ela o fato da busca estar partindo de baixo para cima é importante, pois mostra que esses profissionais estão buscando alternativas diferentes das pré-estipuladas. A autora explica que os professores que buscam o método são competentes e sabem trabalhar com histórias, música, fábulas e fazer atividades criativas, mas tem uma dificuldade muito comum, não conseguem ensinar os alunos a utilizarem a ferramenta mais importante, a decifrar o código que até então é novo para eles: a leitura.

Para Jardini (2008), a importância dos procedimentos multissensoriais para o desenvolvimento da competência de escrita e leitura tem sido cada vez mais reconhecida.

Tais procedimentos integram diferentes modalidades sensoriais, facilitando a aprendizagem da linguagem escrita ao estabelecer a conexão entre aspectos visuais (a forma ortográfica das letras e das palavras), auditivos (a forma fonológica) e cinestésicos (os movimentos necessários para pronunciar os fonemas e escrever grafemas). (JARDINI, 2008, p. 7).

Para a mesma autora, tanto no atendimento regular quanto na a intervenção em distúrbios de leitura e escrita as diferentes variações do método multissensorial têm se mostrado eficazes, “[...] sendo recomendadas pela maioria das associações mundiais em dislexia como ideais para o ensino da linguagem escrita em disléxicos”. (JARDINI, 2008, p. 7).

Jardini (2008) desenvolveu algumas cartilhas contendo exercícios preparatórios que, segundo ela, são habilidades necessárias para o desenvolvimento da alfabetização, são elas: percepção e memória auditiva, percepção e memória visual, coordenação visomotora, esquema corporal, consciência fonológica, entre outras. Por ter atuado como coordenadora pedagógica em uma escola de ensino fundamental, percebeu que a abordagem foi extremamente eficiente para alfabetizar os alunos que são excluídos gradativamente no decorrer dos anos letivos, por não terem se alfabetizado juntamente com os demais alunos, o que gera frustração tanto por parte dos alunos quanto por partes dos professores, que acabam por passar o educando "pra frente" sem ajudá-lo a avançar, por isso, se faz crucial que os professores lancem mão da contribuição que as outras áreas de conhecimento (como a fonoaudiologia) podem dar para o campo da educação.

Os exercícios da cartilha, assim como foi enfatizado pela própria autora, são voltados para a decodificação (leitura), a mesma enfatiza a importância dos professores recorrerem aos mais diversos materiais para o ensino da escrita, como cadernos, argila, letras móveis, escritas que desenvolvam a criatividade, a ludicidade, brincadeiras, jogos, etc.

Jardini (2008) fornece algumas orientações sobre o trabalho com o método na introdução da cartilha, sendo importante que o professor dose os exercícios conforme os mesmos vão sendo assimilados pelos alunos. Assim como no método fônico o processo se inicia através das vogais (que, como dito, tem os sons simples e regulares), a apresentação deve ser realizada simultaneamente: fonema/grafema/articulema, ou seja, som/letra/boquinha. Também explica que a apresentação das vogais pode levar o aluno a hipótese de escrita silábica, uma vez que provavelmente irão utilizar as mesmas para representar cada sílaba pertencente a palavra. Quando as vogais já estiverem dominadas o professor pode partir para as consoantes, formando sílabas simples (consoante +

vogal), de modo que o aluno comece a compreender que duas letras significam dois sons, o que o auxilia a passar para a hipótese silábico-alfabética.

O grande diferencial desse método, segundo a própria criadora, é o fato dele ser concreto.

[...] os sons são elementos abstratos, que nem sempre "atingem" a compreensão de todas as crianças ou educadores. Já as Boquinhas são concretas, ou seja, cinestésicas e podem ser vistas, palpadas e sentidas, o que favorece a associação de som/letra, por meio da ferramenta Boquinha. (Jardini, 2008, p. 24).



A sequência em que as consoantes devem ser transmitidas aos alunos foram estudadas e revisadas duas vezes pela autora. De modo que é recomendado a apresentação da seguinte maneira: L, P, V, T, M, B, N, F, D, K, (CA-QUE-QUI-CO-CU), R (ARRA), G (GA, GUE, GUI, GO, GU), r (ARA), J (GE-GI), S (CE-CI), X (CH), Z (ASA), LH, NH e posteriormente as consoantes intercaladas (arquifonemas): AR, AS, AN, AM, AL. Jardini explica que essa sequência foi planejada de modo que haja uma regularidade, ou seja, há uma constância durante o desenvolvimento das "famílias" silábicas, sendo que são apresentadas em conjunto aquelas que apresentam a mesma "boca" e o mesmo som e não pela presença da mesma letra. Por exemplo, são

consideradas do mesmo grupo as sílabas CA e QUE e não CA e CE que podem causar certa confusão no entendimento dos alunos pelo método tradicional.

3. Alfabetização e letramento.

Como dito, um dos objetivos centrais do trabalho é defender a união do método fônico, do letramento e de características da concepção construtivista como complementares e não como adversários. Por isso, esse capítulo vai abordar as características da concepção construtivista e os pontos divergentes e convergentes entre essa e o método fônico.

3.1 A concepção Construtivista.

Paratello (2008), esclarece que o método global começou a se desenvolver no exterior ainda no século XVII e que o mesmo começou foi utilizado pelos profissionais brasileiros nos últimos anos do século XIX para fazer oposição aos métodos sintéticos. A autora explica que o Construtivismo não é considerado um método mas uma concepção pedagógica que nasceu dos estudos sobre a epistemologia genética de Jean Piaget e foi recebendo algumas contribuições a partir das escritas de Wallon e Vigotsky e dos estudos sobre a Psicogênese da Língua Escrita que foram elaborados por Ana Teberosky e Emília Ferreiro. Silva (1994) comenta que na concepção de Vigotsky, os primeiros rabiscos realizados pelas crianças na brincadeira de faz de conta já fazem parte do processo de elaboração da escrita: "[...] devem ser vistos como momentos diferentes de um processo essencialmente unificado de desenvolvimento da linguagem escrita". (VIGOTSKY, 1984 apud SILVA, 1994, p. 18).

Ana Teberosky e Emília Ferreiro consideram que o processo de escrita inicia-se a partir dos desenhos, utilizando elementos e símbolos que remetem à imagem/objeto real. Já no que diz respeito à leitura as pesquisadoras dão ênfase à prática e a convivência com a língua escrita, onde a criança começa a adquirir concepções a respeito dos símbolos (letras), quantidades, ordem e direção da leitura, etc., esses conhecimentos começam a interferir também em sua linguagem escrita e a criança começa a utilizar sequências de letras no lugar dos desenhos para representar as coisas.

Pereira et al (2013), faz um resumo em que descreve as características gerais do processo de ensino Construtivista, segundo os autores um ponto positivo é que esse processo considera a bagagem que o aluno trás para a escola, ou seja, todo o conhecimento adquirido anteriormente deve ser valorizado, já no quesito da linguística a "prática" da leitura e da escrita é considerada o eixo principal, por isso se faz necessário

que o aluno tenha contato com diversos materiais que possibilitem essa prática, como os materiais portadores de texto (MPT), que são escritas que fazem parte de nosso cotidiano (embalagens, cartas, receitas, folhetos, entre outros).

Santos & Sanson (2005) citados por Paiva (2000) também salientam a importância da organização de ambientes ricos em elementos escritos na escola, não só utilizando a literatura convencional mas também os mais diversos materiais portadores de texto (MPT) que carregam o uso social da escrita, esses sendo muito importantes para que as crianças compreendam a necessidade prática de saber ler e escrever.

Paratello (2008), salienta que como o Construtivismo não é considerado um método se fez necessário uma pedagogia com a qual ele pudesse ser "aplicado" no ambiente escolar. A autora cita Ferreiro (1999, p. 162) e, segundo ela, a pedagogia que melhor se identifica com o processo construtivista é a chamada de "Didática Fundamental" essa não utiliza nenhum tipo de técnica ou meio para o ensino.

[...] é necessário que, no processo de ensino e aprendizagem, sejam exploradas: a aprendizagem de metodologias capazes de priorizar a construção de estratégias de verificação e comprovação de hipóteses na construção do conhecimento, a construção da argumentação capaz de controlar os resultados desse processo, o desenvolvimento do espírito crítico capaz de favorecer a criatividade, a compreensão dos limites e alcances lógicos das explicações propostas (P.C.N., 1997, p.35 apud PARATELLO, 2008, p. 19).

A alfabetização, segundo a concepção construtivista, é entendida como um processo que se inicia antes mesmo de a criança ingressar na escola, por meio dos diversos materiais portadores de texto que tem contato em seu cotidiano, como catálogos, embalagens, placas, televisão, enfim, todo tipo de material que carrega alguma forma de escrita.

Em relação a escrita, Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1986) afirmam que essa passa por vários níveis, são eles: pré-silábico, silábico (dividido em silábico e silábico-alfabético) e o nível alfabético. Na escrita "pré-silábica", o aluno alfabetizando ainda não consegue entender que a grafia de nossa sistema alfabético representa os sons da fala. Sendo que nessa fase a criança vai representar sua escrita segundo as hipóteses a seguir: Na "representação icônica" o indivíduo vai expressar suas ideias através de desenhos. Já na "representação não icônico" além do desenho passa a fazer uso de

rabiscos e garatujas onde já começa a desenvolver um conceito de língua escrita, mas ainda não compreende nem reconhece as letras. Quando começa a conhecer as letras do alfabeto, começa a fazer uso das "letras aleatórias" mas ainda não atribui significado de som à elas. Em seguida inicia-se a fase do "Realismo Nominal" onde acredita que as palavras (que representam as coisas) têm relação com o tamanho dos objetos que representam. Por exemplo, acredita que a palavra "mesa" deve ser escrita com mais letras que a palavra "formiga", pois no plano "real" a mesa é maior que a formiga.

A "escrita silábica" se subdivide em duas fases: a escrita silábica e a escrita silábica-alfabética. Na primeira a criança começa a supor que a escrita representa a fala e passa a utilizar uma única letra para representar uma sílaba, essa pode ter ou não uma conotação sonora, nessa fase a criança já não vincula mais a palavra ao objeto que ela representa. Na "escrita silábica sem valor sonoro" a criança utiliza uma letra para representar a sílaba sem fazer relação aos sons correspondentes. Já na "escrita silábica com valor sonoro" usa uma letra para cada sílaba, mas essas letras tem alguma relação com o som que produzem, podendo ser (na maioria das vezes) vogais ou consoantes. Na "escrita silábica-alfabética" a criança utiliza-se algumas vezes de sílabas já completas e outras vezes de letras apenas, alternando uma escrita silábica com uma escrita já considerada alfabética, pois omite apenas algumas letras.

Finalmente, na "escrita alfabética", a criança realiza a correspondência entre os grafemas (letras) e os fonemas (sons). Compreende que as letras se combinam de formas variadas para formar palavras diversas e passa a ver a escrita como representação da fala sem considerar as questões da ortografia (exemplo: cavalo > kavalu), fica à cargo do professor fazer as diversas intervenções para auxiliar os alunos na adequação da escrita de acordo com as normas ortográficas.

Nos processos citados acima, quando começa a escrever as letras em si a criança utiliza a letra de forma maiúscula, pois de acordo com os construtivistas, o fato das letras serem "separadas" e fáceis de traçar contribui para que as crianças percebam com mais facilidade as regras do código linguístico.

Segundo Peratello (2008) nas pesquisas realizadas por Ana Teberosky e Emília Ferreiro (1999) o professor (que é visto como um organizador e mediador dos processos) deve propor questionamentos que levem as crianças a colocar todas as suas certezas em conflito, auxiliando para que ela elabore sucessivamente novas hipóteses

sobre o sistema de escrita. No que diz respeito à avaliação, se faz necessária a compreensão de que o processo é dinâmico e que os erros fazem parte desse caminho, assim sendo, o professor não corrige o aluno mas elabora novos questionamentos e valoriza o diálogo, elaborando novas avaliações permanentemente.

Porém, as pesquisadoras não negam a importância da aquisição do código. Paiva (2006) utiliza-se da escrita de Emília Ferreiro (1986) onde a autora considera a importância da "fonetização" no último entre os três grandes períodos que fazem parte da construção cognitiva de leitura e escrita. O primeiro período se dá no momento em que a criança começa a diferenciar o que é imagem e o que é escrita, e passa a utilizar "marcas figurativas" quando tem a intenção de escrever, nesse período podemos observar a aparição de algumas letras, bolinhas, traços desalinhados, etc. No segundo período já é possível observar a diferenciação que a criança cria para escrever palavras diversas, aumentando a quantidade de marcas figurativas e também a qualidade e posição delas para representar diferentes palavras. Finalmente, no terceiro período é possível observar a fonetização "[...] ou seja, dá-se à descoberta de que as partes da escrita (letras) podem corresponder a outras tantas partes da palavra. Nesse período a pessoa chega a diferenciar as escrituras, relacionando-as com a pauta sonora da fala" (FERREIRO, 1986 apud PAIVA, 2006).

Como visto, a concepção construtivista considera a importância do aspecto fônico entre as etapas de aquisição da escrita. Existem "métodos" que visam unir pontos positivos de diversas abordagens. Carvalho (2008, p. 18) explica que os métodos que combinam aspectos de mais de uma abordagem teórica são chamados de "analítico-sintéticos", neles a compreensão dos textos é enfatizada já no começo da alfabetização, como acontece com o método global (analítico), paralelamente à isso também é dada a importância devida à identificação de fonemas e a codificação-decodificação que são características dos métodos fônicos. A mesma autora explica a importância dos diversos conhecimentos acumulados (entre eles os métodos) para que o profissional possa lidar com os mais diversificados desafios.

Quem se propõe a alfabetizar baseado ou não no construtivismo, deve ter um conhecimento básico sobre os princípios teórico-metodológicos da alfabetização, para não ter que inventar a roda. Já não se espera que um método milagroso seja plenamente eficaz para todos. Tal receita não existe. (CARVALHO, 2008, p. 17).

Alguns construtivistas consideram que os fonocentristas (defensores do método fônico) ignoram as peculiaridades linguísticas da língua brasileira, alegando que o método pode não ter o sucesso que apresenta em outros países quando aplicado aqui no Brasil. Um dos fatores é que a relação entre as correspondências não é monogâmica, ou seja, uma letra pode "gerar" mais de um som quando pronunciada (como é o caso da letra X), nesse caso a correspondência é chamada de "poligâmica".

Segundo Capovilla & Capovilla (2003) essas diferenças (correspondências poligâmicas) são explicadas durante o processo e as palavras irregulares acabam sendo apreendidas pelas crianças lexicalmente sem mesmo passar pela fase de decodificação, é no estágio ortográfico, quando a decodificação grafo-fonêmica já se concretizou e a criança já adquiriu um reconhecimento visual mais amplo que pode acessar seu conhecimento léxico e ler as palavras irregulares sem cometer erros, os autores também explicam que o grande número de palavras irregulares existentes em nossa língua não diminui a importância do aprendizado da decodificação, visto que nos deparamos com palavras diferentes em todo o decorrer da nossa vida e o conhecimento do processo (decodificação fonológica) também nos auxilia a expandir nosso léxico ortográfico continuamente.

Já Bagatin (2012), explica que para que possamos compreender o que os defensores do método fônico querem dizer ao utilizar o termo "decodificação grafo-fonêmica, é necessário que seja entendido antes a diferença entre "conceito de leitura" e "objetivo da leitura", para o autor alguns construtivistas não compreenderam bem esses dois conceitos, criticando de forma inadequada os objetivos do método fônico. O conceito de leitura seria a capacidade de extrair o significado e a pronúncia das palavras já o objetivo da leitura seria a capacidade de compreender a mensagem que aquele texto transmite.

Soares (2004) também enfatiza a importância de que o termo letramento não seja confundido com o termo alfabetização, embora ambos sejam de extrema importância e devam compor o ensino de forma complementar, mais que isso, a autora ainda afirma que eles devem ser interdependentes e indissociáveis. Nesse caso "[...] é crucial estabelecer limites bem delineados entre letramento e alfabetização, por conta

dos equívocos teóricos que têm sido identificados, por trás dos métodos, que acabam ocasionando críticas a propostas bem fundamentadas." (SOARES, 2004, p.21).

Soares (2007) considera a alfabetização a partir de três pontos de referência, sendo eles: os aspectos técnicos (como o ato de codificar e decodificar, a questão motora - modo correto de segurar o lápis, o entendimento dos sentidos da leitura - de cima para baixo e da esquerda para a direita), a compreensão (entendimento do significado das coisas escritas e lidas) e o terceiro ponto diz respeito ao processo social, usos e importância, entendimento dos contextos em que a linguagem está inserida, etc. Soares (2007) também considera a importância que os profissionais da educação se aprofundem nos estudos dos diversos métodos a fim de que se faça possível uma articulação entre esses múltiplos conhecimentos e procedimentos que enriquecem as possibilidades do ensino de leitura e escrita.

Refletindo sobre o aluno analfabeto funcional, Capovilla & Capovilla (2003) afirmam que esse não consegue dar a atenção devida às tarefas que demandam compreensão porque dedicam grande parte de seu tempo tentando realizar a decodificação, que não foi bem trabalhada no período inicial da alfabetização. Portanto, ao adquirir uma boa compreensão do sistema e ao conseguir decodificar automaticamente sua atenção poderá ser melhor aproveitada para extrair o sentido do escrita. Carvalho (2008) explica que se faz necessário o cuidado ao aplicar os métodos fônicos, pois a língua portuguesa contém letras que "produzem" mais de um som, assim como a posição das letras na palavra também interfere no som que produzimos ao pronunciá-las.

Paiva (2006) utiliza-se do alerta feito pela então consultora do Ministério da Educação Telma Wesz, que também foi orientanda de Emília Ferreiro em sua tese de doutorado. No trabalho, a autora se dirige aos professores alfabetizadores "Faz-se necessário que o professor organize atividades que favoreçam a reflexão da criança sobre a escrita, porque é pensando que ela aprende" (CENED, 2003, p. 72 apud PAIVA, 2006).

Como visto há vários pontos em que a concepção construtivista e o método fônico entram em consenso, entre eles está a importância do aspecto fonológico das palavras. Além disso, a união entre os pontos importantes do método fônico e da concepção construtivista devem ser complementares para que a alfabetização e o

letramento possam realmente acontecer de forma significativa. Não é o que vem acontecendo, infelizmente, por motivos políticos, os teóricos de ambos os lados vêm travando uma espécie de "guerra" a fim de rotular esse ou aquele método como o melhor e o aluno e suas diversas necessidades que deveriam ser o foco dos estudos acabam por ficar em segundo plano nas discussões.

4. Proposta de Trabalho.

Nesse capítulo serão apresentadas algumas sugestões de atividades, para demonstrar que, ao contrário do que muitos imaginam, o método fônico pode ser trabalhado de forma divertida, utilizando jogos, brincadeiras e atividades paralelas. A maior parte desses jogos e atividades foram utilizados durante minha participação no Projeto de Extensão “Formação de Professores para o Atendimento Educacional Especializado à alunos com Dificuldades de Aprendizagem” coordenado pela Prof^a. Dr^a. Andréia Osti, do qual participei durante um ano e meio. As imagens das atividades e dos ditados diagnósticos que serão apresentados fazem parte dos documentos arquivados do projeto, tendo sido realizados no ano de 2013.

O referido projeto é realizado em parceria com uma escola municipal de ensino fundamental situada em Rio Claro - SP. A escola encaminha os alunos com dificuldades de aprendizagem (principalmente em alfabetização) e esses são atendidos em pequenos grupos, de até seis alunos, por uma hora e meia semanalmente pelos alunos da UNESP-RC que participam do projeto. Cada participante adota uma linha de trabalho, de modo a atender as necessidades específicas dos alunos. Inicialmente é feito um ditado diagnóstico visando observar o estágio de alfabetização que os alunos se encontram para iniciar o processo de intervenção e propor as atividades que serão realizadas.

4.1 O uso dos jogos e das atividades fônicas.

Fiz grande uso dos jogos durante toda minha participação no projeto. Huizinga (1971) define o jogo como:

[...] uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias; dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana. (HUIZINGA, 1971, p. 33).

Porém, o jogo por si mesmo não é suficiente, se faz necessário que o professor o integre com outras atividades e estratégias para atingir os objetivos desejados. O objetivo dos jogos e das atividades em questão eram de elevar o nível alfabético de escrita no qual os alunos se encontravam.

Os jogos receberam ênfase durante todo o projeto e foram trabalhados desde o primeiro encontro pois não carregam "o peso" de uma atividade. Macedo, Petty e Passos (2005), explicam os benefícios do uso de jogos no processo de aprendizagem. Também enfatizam que para nós, adultos, é muito simples compreender a importância da escola e do aprendizado, mas para as crianças essa importância pode parecer distante e abstrata. O jogo, por outro lado, têm resultados imediatos. A criança precisa entender o jogo e seguir as regras para poder vencer, ela não se preocupa em estar aprendendo ou não, o que vale é brincadeira e o desafio do momento. Outro fator a ser considerado é o prazer e a não obrigatoriedade presente no jogo, diferentemente das outras atividades escolares. "Qualquer jogo supõe a pergunta inicial: vamos jogar? A pessoa convidada é livre para dizer sim ou não". Macedo, Petty e Passos (2005). No jogo ambos são jogadores e devem seguir as regras, não há uma figura que retém o poder, a autoridade, isso aproxima educador e educando.

Para Kishimoto (2003), o jogo também se mostra como um modo de aprendizado através do erro. Nele, os alunos erram, refletem sobre o erro, elaboram novas estratégias e modificam suas ações sem que haja constrangimentos, pois faz parte do jogo, também, errar "[...] o jogo por ser livre de pressões e avaliações, cria um clima adequado para a investigação e busca de soluções" (KISHIMOTO, p. 21, 2003). É, então, interessante e necessário que o professor acompanhe e/ou participe do processo para que possa analisar os equívocos, de modo a propor novas reflexões e forneça dados para a compreensão e sistematização dos conceitos trabalhados, pois como o objetivo do jogo é o de ensinar algo, suas duas funções (divertir e ensinar) devem estar equilibradas, por isso o planejamento por parte do professor é indispensável.

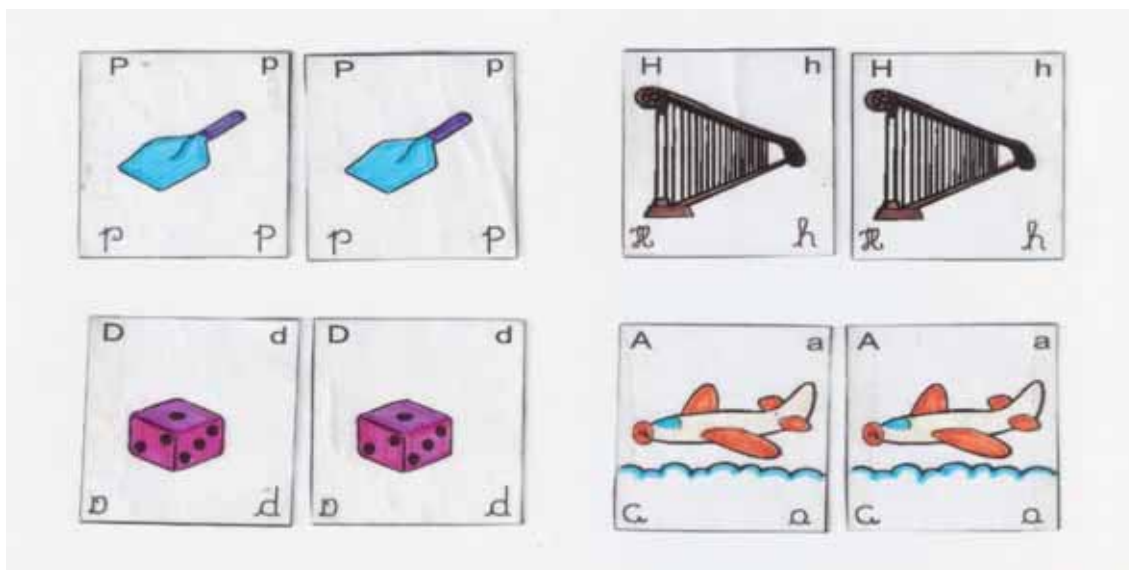
Além disso, o jogo também pode ser utilizado para avaliar o desempenho dos alunos. Nas avaliações escolares oficiais o foco é o "produto final", a nota obtida pelo aluno, já o processo que guarda muitas informações que nos ajudariam a compreender melhor as dificuldades do aluno, acaba sendo deixado de lado. Durante o jogo da memória, por exemplo, é possível levantar hipóteses para compreender o mau desempenho do aluno no jogo, tais como:

- a) a criança não dominou as regras;
- b) não prestou atenção ao jogo;
- c) tentou jogar da melhor maneira, mas não conseguiu acertar.

Macedo, Petty e Passos (2005) indicam que além da observação do uso da memória, das estratégias utilizadas, e da conduta do aluno perante o jogo, a de ater também ao modo do aluno lidar com o respeito às regras pois a superação da frustração e a persistência (no caso das derrotas) também podem ser trabalhadas.

O jogo também tinha a função de reforçar algo que o aluno ainda não havia compreendido bem, sem que houvesse uma repetição que deixasse as atividades maçantes, mantendo os alunos interessados e motivados. Para Bzuneck (2000), “a motivação, ou o motivo, é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar de curso”. Burochovitch & Bzuneck (2001), também consideram a motivação um dos problemas “de ponta” na educação, sua ausência representa uma queda no investimento da qualidade nas tarefas realizadas pelos alunos.

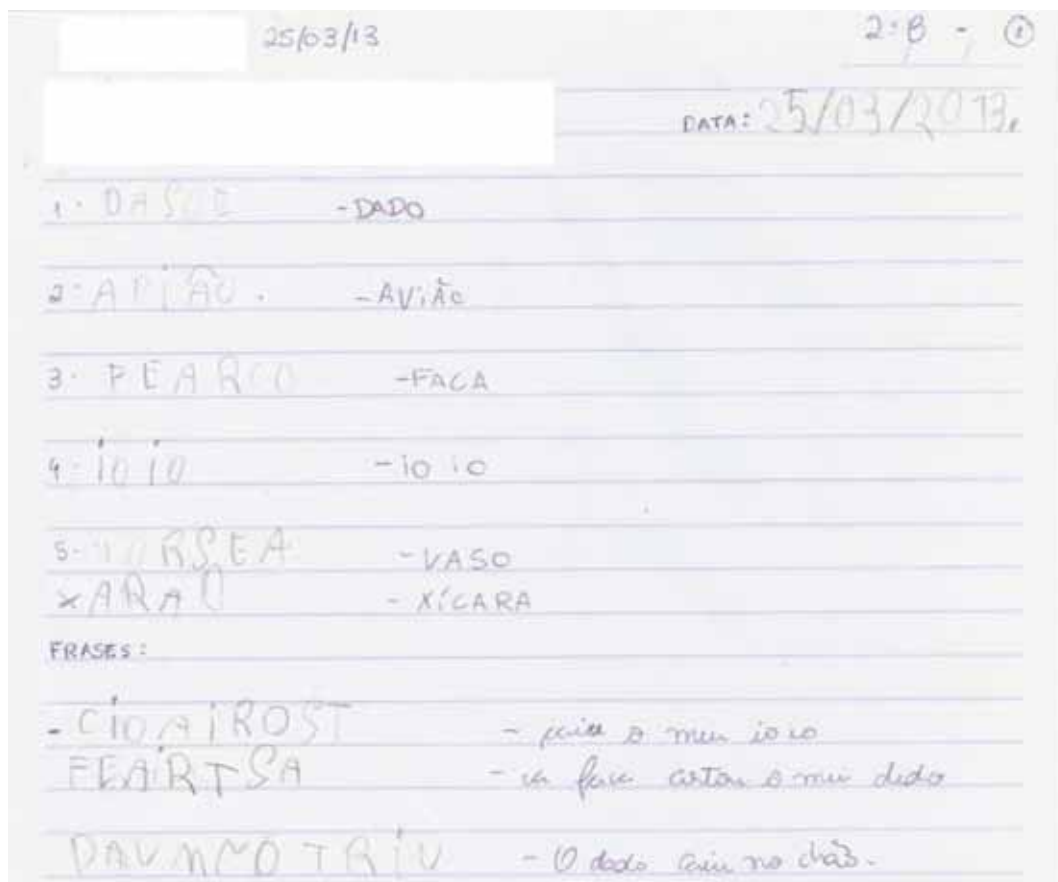
Já no primeiro encontro com os alunos do projeto houve o uso de jogos, o primeiro a ser trabalhado foi o jogo da memória das letras (imagens e letra inicial da palavra). A partir do jogo foi feito um ditado diagnóstico para avaliar o estágio de alfabetização que o aluno estava.



Fonte: arquivo do projeto de extensão.

Como dito anteriormente, segundo o método fônico é importante que os diversos tipos de fonte sejam trabalhados concomitantemente durante todo o processo de alfabetização.

Depois da realização do jogo da memória, foi pedido para cada aluno escolher uma carta e em seguida, foi solicitado que eles escrevessem todas as palavras escolhidas e também para formularem e escreverem uma frase com cada uma dessas palavras.



Fonte: arquivo do projeto de extensão.

Acima o primeiro ditado realizado com aluno do segundo ano do ensino fundamental.

O "ditado" não foi corrigido na presença do aluno, apenas serviu como uma ferramenta para poder verificar em qual estágio de alfabetização o mesmo se encontrava, possibilitando o planejamento e busca por atividades mais adequadas. Mesmo as atividades sendo embasadas no método fônico foram consideradas as hipóteses de escrita segundo a perspectiva da "Psicogênese da Língua Escrita". Já as atividades restantes eram corrigidas na presença do aluno por meio de questionamentos (Ex: Será que está faltando alguma letra nessa palavra? Qual?).

Para Ferreiro e Teberosky (1986), o professor não deve corrigir os erros cometidos pelos alunos, quando há falta ou troca de letras nas palavras por exemplo,

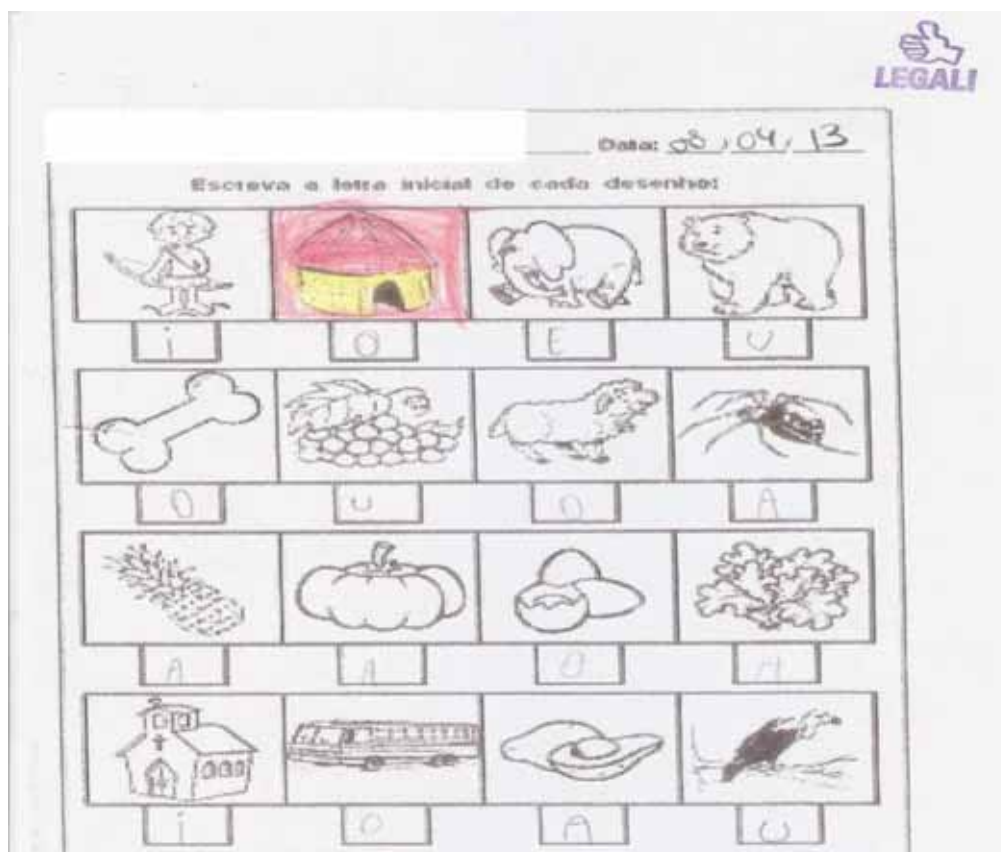
pois a alfabetização, segundo as autoras deve ser pautada no questionamento. Segundo Mendonça & Mendonça (2011) alguns profissionais fizeram uma leitura inadequada desse quesito da concepção: a de que o professor não deveria corrigir o aluno sob hipótese alguma. Para a autora, a correção é um instrumento importante e necessário, a questão central é a "forma" como essa correção é feita, não devendo se centrar no erro do aluno ou no julgamento do mesmo e sim como um meio de reflexão, devendo ser realizada de maneira respeitosa e questionadora.

Todos os jogos e atividades realizadas foram utilizados com um "complemento" das atividades fônicas propostas na quarta edição da "cartilha" criada por Capovilla & Capovilla (2007). Para Goulart (2011), não há impedimentos para que livros didáticos e as chamadas "cartilhas" estejam presentes, o que deve ser visto como foco é o modo que os profissionais fazem uso desse instrumento. É claro que uma aula pautada apenas nesses recursos não será rica e criativa, se faz necessário o uso de outros e variados meios para que tanto a alfabetização quando o letramento ocorram, para a autora esses materiais devem vistos como recursos auxiliares. A mesma autora ainda enfatiza que a "cartilha" do método fônico não deve ter seu conteúdo confundido com aqueles de suas antecessoras: "Não se quer dizer que se deva retroceder ao tempo do método alfabético silábico, pois muitos os confundem com o Método Fônico, sendo que o mesmo está muito a frente do método alfabético silábico do passado. O que realmente eles têm em comum é a ênfase no som da fala". (GOULART, 2011, p. 105).

Paratello (2008) explica a forma como ocorre o processo através das cartilhas criadas por Capovilla & Capovilla. As correspondências grafonêmicas são apresentadas de modo com que as primeiras atividades partem dos sons mais simples e o grau de dificuldade é crescente. Assim, as vogais são as primeiras letras que os alunos devem ter contato, depois dessas as atividades partem para as consoantes com sons regulares, sendo elas: F, J, M, N, V e Z (letras que apresentam sempre o mesmo som). Em seguida são apresentadas as consoantes irregulares (que podem possuir mais de um som ao serem lidas), sendo: L, S, R e X. Na fase seguinte, a cartilha insere as consoantes que tem sons difíceis de pronunciar isoladamente, sendo o caso das letras: B, C, P, D, T, G e Q. Após, a letra H (que não apresenta som) e as letras K, W e Y, não pertencentes ao alfabeto português, também são demonstradas.

Depois, a cartilha parte para o sons dos dígrafos: CH, NH, LH, RR, SS, GU e QU, também são apresentadas a cedilha e os encontros consonantais. Além disso, os diversos "tipos" de letras são apresentados paralelamente, ou seja, os alunos têm contato com as letras de forma e cursiva (tanto maiúsculas quanto minúsculas) simultaneamente, diferentemente da concepção construtivista que opta pela apresentação das letras de forma maiúsculas primeiramente para depois partir para as demais formas de escrita.

Como dito, o método parte dos sons mais simples para os mais complexos, sendo assim, as atividades foram aplicadas a partir vogais, passando pelas sílabas simples e depois para as sílabas complexas.



Fonte: arquivo do projeto de extensão.









A atividade acima foi utilizada para introduzir o trabalho com vogais. A partir das imagens, os alunos sonorizavam as palavras e deduziam a vogal inicial segundo seu som.

Outras atividades, como as palavras com lacunas a serem preenchidas com vogais, por exemplo, foram utilizadas antes de partirmos para as sílabas simples. Sempre recorrendo fortemente á sonorização (fala) e ao retorno (som produzido).









01/09/13

LEGAL!

d) Vejam estas figuras. Observem que está faltando a primeira letra do nome de cada figura. Vamos completar com a vogal que falta.

 _BAJUR	 _RUBU	 _RELHA	 E SCORREGADOR
 _DITO	 _MÃ	 _PITO	 _GREJA

e) Agora vejam estas figuras e seus nomes. Observem que estão faltando algumas letras. Vamos completar os nomes com as vogais que faltam.

 MUR_	 NAVIO_	 VELA_	 LUVAS
 COGUMELO_	 PARCO_	 BALIA_	 SUCO_

18

Alencaster e Fernando C. Cipicilla

Fonte: arquivo do projeto de extensão.

Fiz uso de "plaquinhas" com as vogais, para criar jogos que contribuíssem para aquisição: vogal x som. Em uma das atividades, cada aluno ficava com uma placa (contendo certa vogal) em mãos, enquanto eu ditava a vogal ou uma palavra iniciada por ela, o aluno que estava segurando a placa com a respectiva vogal deveria erguê-la.

Também foram trabalhados jogos com movimento, como a "Corrida das vogais" (que pode ser alterada para trabalhar qualquer fonema). Na frente de cada aluno era formada uma trilha com cerca de seis vogais, cada aluno deveria citar uma palavra iniciada com aquela vogal e, se acertasse, partiria para a próxima, o primeiro a chegar na última vogal venceria. Outra brincadeira foi a adaptação de "Morto-Vivo" para trabalhar o som: ão. Nela, as crianças ficavam abaixadas e só poderiam levantar caso eu pronunciasse uma palavra terminada com ão.

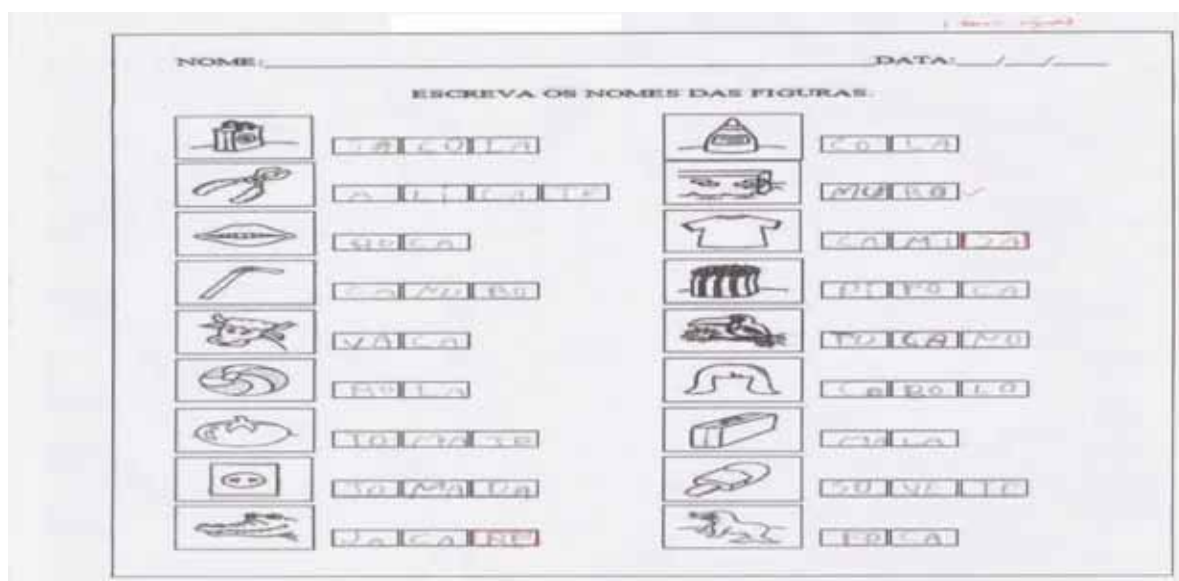
Essas e outras atividades com movimento foram amplamente trabalhadas pois como alertado por Izza & Mello (2009), as crianças mais novas, como as do primeiro ano do ensino fundamental, sentem grande necessidade de brincar e também de se movimentar. “A necessidade de movimento da criança entra em conflito com as exigências das atividades que a professora propõe. O controle dos movimentos para a realização das atividades é uma aprendizagem que leva tempo.” (IZA & MELLO, 2009). Um instrumento de grande importância durante o trabalho realizado com as sílabas simples foi a "tabuada das sílabas.

	A	E	I	O	U
B	BA	BE	BI	BO	BU
C	CA	CE	CI	CO	CU
D	DA	DE	DI	DO	DU
F	FA	FE	FI	FO	FU
G	GA	GE	GI	GO	GU
H	HA	HE	HI	HO	HU
J	JA	JE	JI	JO	JU
L	LA	LE	LI	LO	LU
M	MA	ME	MI	MO	MU
N	NA	NE	NI	NO	NU
P	PA	PE	PI	PO	PU
Q	QUA	QUE	QUI	QUO	—
R	RA	RE	RI	RO	RU
S	SA	SE	SI	SO	SU
T	TA	TE	TI	TO	TU
V	VA	VE	VI	VO	VU
X	XA	XE	XI	XO	XU
Z	ZA	ZE	ZI	ZO	ZU

A tabuada de sílabas foi utilizada paralelamente às primeiras atividades de formação de palavras (sílabas simples) e também durante alguns jogos, sendo usada como um meio de "consulta", assim como fazemos com o "dicionário" nas séries mais avançadas. O próprio contato com a tabela contribuiu para que os alunos compreendessem o sistema de escrita, ou seja, que a primeira letra (consoante) é responsável pelo som inicial de cada sílaba, e que o som final é resultado do som das vogais (como eles viram anteriormente). Já o desenho ao lado de cada letra na tabela é a referência que eles geralmente já tem (T de Tatu, por exemplo).

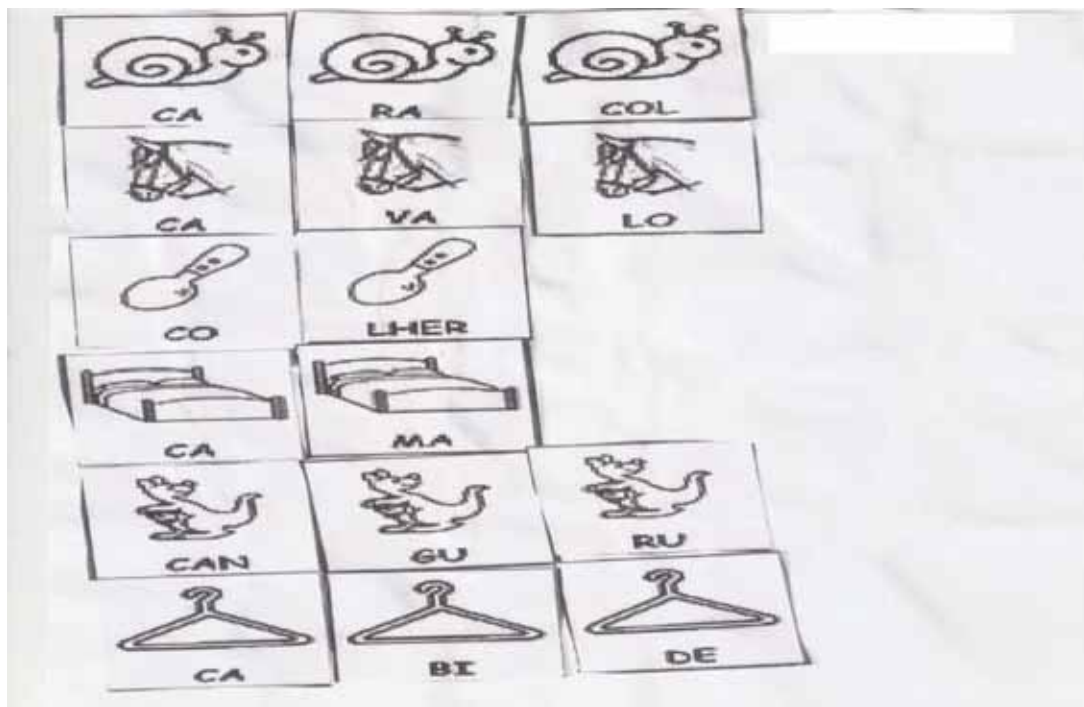
Alguns exemplos de atividade que podem ser realizadas utilizando o método fônico é com o uso de imagens, essas são de grande utilidade para a compreensão dos sons. Pereira et al (2013) citam um bom exemplo: o professor pode desenhar algumas imagens na lousa que comecem com a mesma letra, apresentando essa letra para as crianças. A partir daí o professor pode estimular os alunos a sugerirem outras palavras iniciadas com essa letra, através de deduções que partem do reconhecimento do som.

Durante o trabalho com as sílabas simples, foram usadas atividades onde os alunos deveriam refletir cada sílaba da palavra separadamente e, se quisesse, poderia fazer o uso da "tabuada das sílabas". O interessante é que os alunos tentavam realizar a atividade sem recorrer à consulta, gostavam do desafio que era proporcionado. Quando a educadora que acompanhava a atividade (estando presente como uma "mediadora") percebia alguma dúvida ou quando o aluno pedia ajuda, a consulta era sugerida ou questionamentos eram levantados.



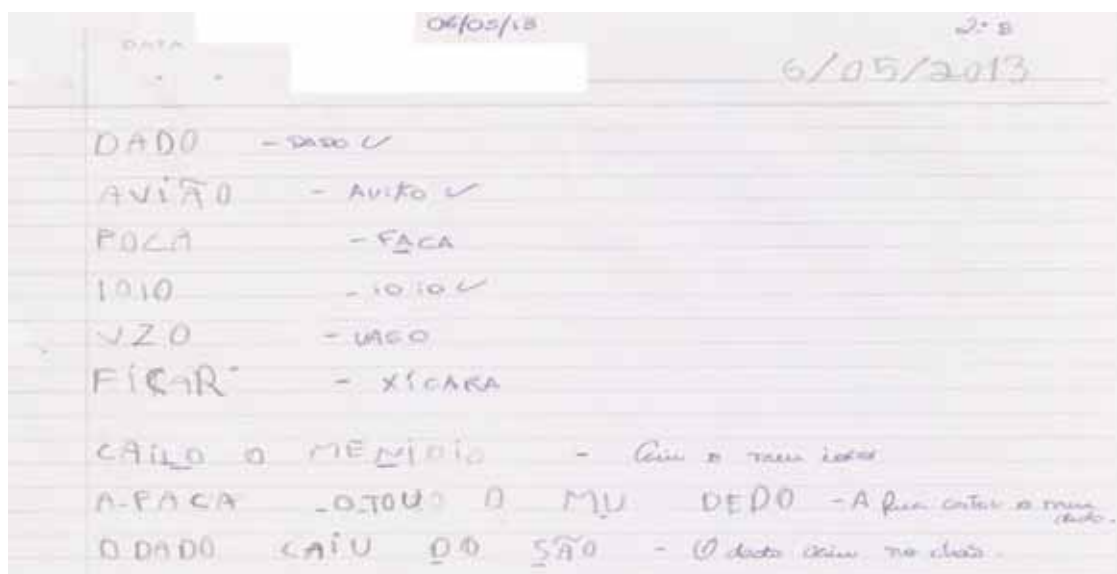
Fonte: arquivo do projeto de extensão.

Acima a atividade das "sílabas separadas". Como pode ser observado, o aluno já havia compreendido bem o sistema das sílabas simples, cometendo pequenas trocas e apenas omitindo a letra "R" na palavra "sorvete". Sendo assim, as atividades com sílabas complexas já poderiam ser introduzidas.



Fonte: arquivo do projeto de extensão.

Acima uma atividade com colagem. Nela, houve o início do trabalho com as sílabas complexas e a partir do conhecimento que já tinha adquirido (vogais e sílabas simples) o aluno deduzia como deveria ser feita a formação das palavras.



Fonte: arquivo do projeto de extensão.

Segundo ditado diagnóstico, realizado no quinto encontro. O primeiro ditado havia sido realizado no dia: 25 de março de 2013, como dito, os encontros eram semanais, sendo que os trabalhos foram realizados nos dias: 1, 8, 15 e 29 de abril e 6 de maio (no dia: 22 de abril não houve trabalho). A progressão do aluno é visível (6 semanas depois), as sílabas já tem conotação sonora, havendo pequenas trocas e omissões, os espaços entre as palavras também começaram a aparecer.

Durante a correção desse ditado diagnóstico pôde ser observado que o aluno faz trocas entre letras com sons semelhantes (como por exemplo na palavra "xícara" onde confundiu o som do "F" - "fi" com "xi" > ficara), Um bom exemplo de atividade/brincadeira que pode ser utilizada nesses casos é com a "Trilha das letras que tem sons semelhantes".



Fonte: arquivo do projeto de extensão.

Como explicado por Mendonça & Mendonça (2011), durante o estágio da "escrita alfabética", a criança já realiza a correspondência entre os grafemas (letras) e os fonemas (sons), cometendo pequenos "erros" que são próprios dessa fase, pois escreve o que ouve, como também pôde ser observado no ditado, onde o aluno escreveu "VZO" para a palavra "VASO", ficando à cargo do professor fazer as intervenções para auxiliar os alunos na adequação da escrita de acordo com as normas ortográficas, onde "vaso" se escreve com a letra "S" e não com a letra "Z", embora os sons coincidam. Não há "receita", nesses casos só o contato constante com as palavras fará com que o aluno memorize e compreenda as normas de nosso sistema de escrita. Os jogos são ótimos instrumentos também nesses casos. Um exemplo foi o jogo da memória do "X e CH", letras essas que produzem o mesmo som em alguns casos.



Fonte: arquivo do projeto de extensão.

Leal, Albuquerque e Leite (2005) esclarecem que há vários tipos de jogos que podem ser utilizados para auxiliar os alunos no processo de alfabetização pois envolvem o trabalho com formação de palavras, entre eles o jogo da forca, as cruzadinhas, caça-palavras entre outros. As mesmas autoras analisam os jogos, dividindo-os em três tipos:

Jogos de análise fonológica:

Nesse tipo de jogo os alunos centram a atenção na sonoridade da palavra, sem voltar sua reflexão para o significado delas, como por exemplo, o "Jogo das Palavras que Rimam", as autoras ainda salientam que os jogos dessa natureza são muito eficazes

para o desenvolvimento da consciência fonológica por exercitarem a emissão e escuta da fala.

Jogos com correspondências grafofônicas:

Esses contribuem para que os alunos raciocinem sobre o funcionamento do sistema alfabético, auxiliando-os na percepção e no trabalho com as unidades sonoras (fonemas e sílabas) e a representação gráfica das mesmas. Como as correspondências não são estáveis (sons irregulares) se faz necessário o acompanhamento e a integração com atividades paralelas para que as exceções também recebam atenção.

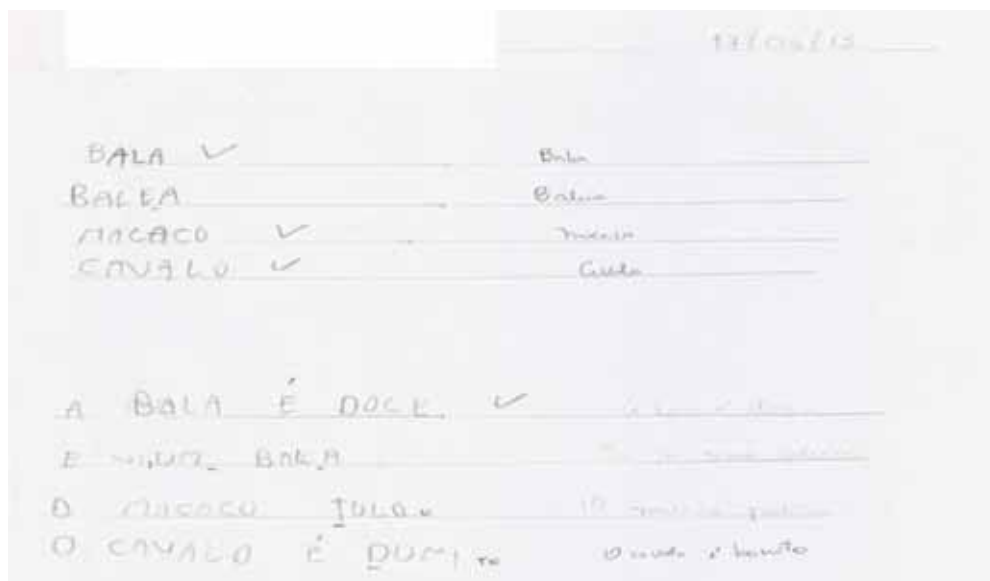
Jogos com leitura e escrita:

Esses jogos se colocam como ótimas oportunidades para o início do processo de leitura, pois durante sua realização os alunos exercitam a escrita e a leitura de forma espontânea, como por exemplo as cruzadinhas e palavras com lacunas e o jogo da forca.



Fonte: arquivo do projeto de extensão.

Acima o "Jogo das Rimas", exemplo de "jogo de análise fonológica" (que trabalha o desenvolvimento da consciência fonológica).



Fonte: arquivo do projeto de extensão.

Acima, o último ditado realizado com esse aluno, no dia 17 de junho de 2013, (seis encontros após o ditado anterior e dez encontros após o início do trabalho). Mesmo com as palavras sendo diferentes (palavras retiradas de jogos e frases formadas pelo aluno) é possível observar o avanço na hipótese de escrita, onde já usa o espaçamento entre as palavras e comete apenas pequenas trocas e omissões.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central desse trabalho foi apresentar as contribuições do método fônico, principalmente para os anos iniciais do ensino fundamental, em que o foco é a alfabetização. O texto, portanto, não visa demonstrar o método fônico como "milagroso", nem insinua que ele deve ser adotado como o método oficial para a alfabetização no país. O intuito é demonstrar a real eficácia do mesmo para auxiliar o professor durante o período de alfabetização dos alunos.

Como visto, o método contribui com diversas habilidades importantes a serem desenvolvidas, como a aquisição e desenvolvimento da consciência fonológica, auxilia na boa dicção, explicita de forma simples as relações grafonêmicas, aborda as diversas formas de letras simultaneamente, além de auxiliar na preparação do aluno, para que esse possa se dedicar melhor à compreensão dos textos. Já o método das Boquinhinhas, que tem como grande vantagem o fato de ser "concreto". Para nós, que já estamos alfabetizados, o uso das imagens com as bocas pode parecer confuso, mas para um aluno que está entrando nesse novo mundo da escrita ter uma "ferramenta" a qual pode sentir, observar e ouvir chega a ser, até mesmo, confortante.

Para que outros fatores importantes não sejam deixados de lado, esse texto também procurou demonstrar que o método pode ser trabalhado concomitantemente com atividades lúdicas, jogos, brincadeiras, materiais portadores de texto diversos, etc. Enfim, defendemos a essencialidade de que o letramento seja trabalhado e de que os alunos compreendam que a leitura e a escrita, além de ser um ato de decodificação e codificação também têm uma função social e que a criatividade deve ser estimulada. Mas os professores também podem e devem lançar mão dos diversos métodos e/ou concepções que atendam as diversas necessidades dos alunos, seja utilizando a cartilha criada por Capovilla & Capovilla, o Método das Boquinhinhas, entre outros.

Consideramos que o tema é muito abrangente e deve ser pesquisado mais profundamente. Esse trabalho fez apenas um breve resumo histórico sobre o método no país e seu desenvolvimento. O trabalho com os textos mais complexos, nas fases mais avançadas da alfabetização, também não foi abordado. Seria relevante, em pesquisas futuras, o aprofundamento do estudo sobre o método e a apresentação de atividades para níveis mais complexos do sistema de escrita.

No período em que produzi esse trabalho encontrei diversas pessoas que criticavam o tema por considerá-lo tradicional, etc. O fato é que o "extremismo" por parte de alguns profissionais acabou por criar "caricaturas" das concepções e métodos. Um bom profissional, que utiliza o método fônico, não vai querer reduzir o seu trabalho apenas às atividades contidas nas cartilhas, fazendo uso de outros recursos para trabalhar o letramento e a criatividade da escrita. Assim como um professor construtivista, que atua nos anos iniciais do ensino fundamental, por exemplo, vai precisar recorrer à atividade consideradas "tradicionais", porque do mesmo modo que o processo alfabetizador não pode ser reduzido a codificação e decodificação o mesmo não se efetiva sem esses. Pois como Soares (2004) alerta, certas "disputas" entre métodos e concepções tendem a ser mais por razões políticas que verdadeiramente por eficácia. "O que é preciso reconhecer é que o antagonismo, que gera radicalismos, é mais político que propriamente conceitual [...]" (SOARES 2004, p. 14).

Sabemos que há diversos fatores que afetam o desempenho dos alunos, como a pobreza, condições de saúde, problemas familiares, entre outros. Mas, como educadores, é fundamental que nos preparemos para atuar sobre os problemas relativos à nossa área, devendo então, utilizar os mais diversos modos para resolvê-los ou minimizá-los, fatores como o ambiente escolar, a afetividade na relação professor/aluno, as próprias atividades trabalhadas e o método utilizado merecem nossa atenção, pesquisa e desenvolvimento.

6- BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Patrícia Ribeiro de. Aquisição de Leitura: Letramento ou Método Fônico?. **Revista Desempenho**, Brasília, v. 11, n. 2, p.29-48, dez. 2010. Mensal. Disponível em: <<http://www.revistadesempenho.unb.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

BAGATIN, Thiago. **Alfabetização em Foco**: Uma análise do Método Fônico e sua ascensão no cenário nacional. 2012. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: <http://www.ppge.ufpr.br/teses/M12_Thiago_Bagatin.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2014.

BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (orgs.). **A motivação do aluno**: contribuições da psicologia contemporânea. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BZUNECK, J. A. **As crenças de auto-eficácia dos professores**. In: F.F. Sisto, G. de Oliveira, & L. D. T. Fini (Orgs.). Leituras de psicologia para formação de professores. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; CAPOVILLA, Fernando César. **Problemas de leitura e escrita**: Como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica. São Paulo: Memnon, 2003.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; CAPOVILLA, Fernando César. **Alfabetização**: Método Fônico. São Paulo: Memnon, 2007.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; CAPOVILLA, Fernando César. **Alfabetização Fônica**: Construindo competência de leitura e escrita. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; DIAS, Natália Martins; MONTIEL, José Maria. Desenvolvimento dos componentes da consciência fonológica no ensino fundamental e correlação com nota escolar. **Psico-USF**, Itatiba, p. 55-64. jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712007000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 dez. 2013.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; CAPOVILLA, Fernando César; SOARES, Joceli Vergínia Toledo. Consciência sintática no ensino fundamental: correlações com consciência fonológica, vocabulário e escrita. **Psico-USF**, Itatiba, p. 39-47. jun. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712004000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 dez. 2013.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e Letrar**: Um Diálogo entre a Teoria e a Prática. 5. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

GIL, Antonio Carlos. **Método e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 220 p. Disponível em: <<http://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2013.

GOULART, Cecília. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão de crianças de seis anos de idade: A organização do trabalho pedagógico: alfabetização e letramento como eixos orientadores**. Brasília: MEC/SEB, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anosbasefinal.pdf>> Acesso em 13 dez. 2014.

HUIZINGA, Johan. **Homo Iudens: O Jogo como elemento de cultura**. São Paulo: EDUSP, 1971.

IZA, Dijinane Fernanda Vedovatto; MELLO, Maria Aparecida. **Quietas e Caladas: as atividades de movimento com as crianças na Educação Infantil**. 2009.

JARDINI, Renata Savastano. **Método das Boquinhas: alfabetização e reabilitação dos distúrbios de leitura e escrita**. Pulso: São José dos Campos, 2008.

KISHIMOTO, Tizuko M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo, SP: Pioneira, 2003.

LEAL, Telma; ALBUQUERQUE, Eliana e LEITE, Tânia. **Jogos: alternativas didáticas para brincar alfabetizando (ou trabalhar brincando?)**. In: MORAIS, A. G.; ALBUQUERQUE, E. B. C. e LEAL, T. F. **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Recife, PE: Autêntica, 2005.

LIMA, Telma Cristiane de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Katál, Florianópolis, v. 10, p.37-45, abr. 2007.

MARTINS, Edson; SPECHELA, Luana Cristine. **A Importância do Letramento na Alfabetização**. 2012. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_212_21ad8bcac7955f5435617db1f4e80242.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2014.

MENDONÇA, Onaide Schwartz; MENDONÇA, Olympo Correa de. **Psicogênese da Língua Escrita: contribuições, equívocos e consequências para a alfabetização**. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Pró-Reitoria de Graduação. Caderno de formação: formação de professores: Bloco 02: Didática dos conteúdos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. v. 2. p. 37-57. (D16 - Conteúdo e Didática de Alfabetização). Disponível em <<http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40138>>. Acesso em: 08 dez 2014.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **A “querela dos métodos” de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate**. Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa” Setembro de 2008 – fevereiro de 2009 – Ano III – Nº. 005 Disponível em: <http://www.revista.usp.br/reaa/article/download/11509/13277>

OSTI, Andréia. **Dificuldades de Aprendizagem, Afetividade e Representações Sociais:** reflexões para a formação docente. Jundiaí: Paco Editorial, 2012. 75 p.

PAIVA, Maria Nilma de. **Alfabetização: A Construção da Leitura e da Escrita.** 2006. 43 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdades Integradas Iesgo, Formosa, 2006. Disponível em: <http://www.iesgo.edu.br/revistans/arquivos/trabalhos_discentes/alfabetizacao.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2014.

PERATELLO, Maria Angélica Llorente. **Alfabetização Fônica Versus Constutivismo: Realidade Versus Ficção.** 2008. 55 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Distúrbios de Aprendizagem, Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem e Disciplina de Oftalmogia da Faculdade de Medicina do Abc., São Paulo, 2008.

RIZZO, Gilda. **Alfabetização Natural.** 3ª edição - Rio de Janeiro: Editora Bertrand, Brasil, 2005.

ROTTA, Newra Tellechea et al. **Transtornos de aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2006. 480 p.

SILVA, Ademar. **Alfabetização:** a escrita espontânea - 2ª edição. São Paulo: Contexto, 1994.

SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização:** as muitas facetas. In: Revista Brasileira de Educação, n. 25, p. 5-17, Rio de Janeiro, 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento.** 5 Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SOUSA, Sandra Kákia. Avaliação, ciclos e qualidade do Ensino Fundamental: uma relação a ser construída. **Estudos Avançados.** São Paulo, p. 27-43. ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142007000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 dez. 2013.

ZORZI, Jaime Luiz; CAPELLINI, Simone Aparecida. **Dislexia e outros distúrbios de leitura-escrita:** letras desafiando a aprendizagem. São José dos Campos: Pulso, 2009. 266 p.

Tatiane Salina
Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia

Profa. Dra. Andréia Osti
Orientadora